

Vieira repórter

a construção do sermonista no jovem “repórter” Antônio Vieira

Os relatos, evidentemente editados por Vieira a partir de correspondência de fontes sitas nas respectivas localidades, compõem retratos humanos, geográficos e cênicos de intensidade dramática e descrição objetiva. Este engenho, que se transpõe à palavra, expressa os primeiros exercícios literários, pois supõe-se a transferência da máscara do narrador ausente verdadeiro, a outro, presente, verosímil.

**Vera Helena
Pancotte Amatti**
*Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras
da Universidade de São Paulo*

Os sermões, as verdades, a doutrina que pregamos não é nossa, é de Cristo. Ele a disse, os evangelistas a escreveram, nós a repetimos. Pois, se estas repetições são tantas e tão continuadas, e a doutrina que pregamos não é nossa, senão de Cristo, como fazem tão poucos progressos nela, e como aprendem tão pouco os que a ouvem? Nas palavras que propus temos a verdadeira resposta desta tão nova admiração.

ANTÔNIO VIEIRA
(Sermão do Espírito Santo)

Introdução

Os estudos da obra integral de Vieira por seus comentadores ao longo desses últimos séculos têm revelado a miríade de possibilidades de recepção tanto dos sermões, como das cartas e dos tratados. Por outro lado, a produção até certo ponto pouco uniforme, tanto da obra vieiriana como de seus comentadores, contribui para justificar a pouca transparência do texto escrito que margeia a interpretação de uma obra aberta. A intenção principal deste trabalho é iniciar a discussão de uma face pouco conhecida de Vieira, o jovem repórter que já revela talento como autor/ator dramático para desempenhar os papéis a que se propôs.

Antes de contemplar a análise das partes da carta de 1626, em que relata os acontecidos de dois anos passados, é necessário entender o lugar dramático das obras epistolares jesuíticas que assumiram a partir das

correspondências no Novo Mundo: um lugar social diverso do próprio gênero carta, que implica um emissor e um destinatário específicos, isto é, uma comunicação entre singulares indivíduos em que a marca persuasiva está no reconhecimento do outro como receptor de informações até mesmo confidenciais.

De acordo com Sheila Moura Hue (HUE 2006: 11-27), a partir do contexto principalmente brasileiro, “as cartas passam a ser um instrumento poderoso de divulgação das atividades da Companhia”, e a escritura inclui a perspectiva oral, uma vez que tais cartas eram constantemente lidas e relidas para grupos de clérigos, em voz alta, prática tão comum que nos seria possível inferir que o emissor escrevesse com vistas a esse fim. Ademais, a correspondência jesuítica circulava rapidamente pela Europa, em cópias que desmembravam partes e acrescentavam informações, preciosas não apenas como instrumentos para Companhia de Jesus, mas como obras de Literatura de Viagem, a preencher o imaginário europeu, com descrições da fauna e da flora, dos costumes dos povos nativos, por mais horripilantes ou excitantes que estes fossem. Sob esse aspecto, as cartas se popularizaram e adquiriram cada vez mais o tom coloquial e familiar a fim de estabelecer uma comunicação fácil, fluente e influente.

Sob seu aspecto formal, as cartas obedeciam às estruturas clássicas ciceronianas, e tiveram sua prática normatizada pelo fundador da Companhia de Jesus, Inácio de Loyola, haja vista o destaque que o gênero ocupa na atividade missionária. Em 1541, instituiu a carta menor (*hijuela*), que serviria de adendo à carta maior. A carta maior serviria para relatar fatos edificantes a serem divulgados a todos, membros ou não da ordem, em leitura coletiva; e a carta menor trataria de assuntos pessoais e privados, com divulgação restrita. Entretanto, na feitura da carta, os missivistas nem sempre tinham tempo ou vontade de separar assuntos e a carta menor servia, muitas vezes, de ilustração ou “respiro” para a narrativa linear de edificação moral.

Em 1553, o secretário da ordem, Juan Polanco, escreve ao Padre Manoel da Nóbrega indicando os assuntos a serem tratados nas cartas: 1) Informar em quantos lugares há padres da Companhia, quantos há em cada um e o que fazem; 2) dizer como se vestem, o que comem e bebem, em que cama dormem; 3) descrever o clima da região em que estão, a localização geográfica, como são os habitantes, o que vestem, o que comem e quais são seus costumes; 4) definir aproximadamente o número de cristãos e infiéis; 5) e o que não for de edificação, que se escreva numa carta separada (*hijuela*). Em 1556, Pe. Inácio de Loyola publicaria as “Constituições da Companhia de Jesus”, onde detalharia as regras para a prática da escritura de cartas, aqui sintetizadas.

À parte questões de censura, que não nos interessa nesse estudo, as recomendações da Companhia para os correspondentes tinham o intuito de passar uma “navalha de Occam” nas pretensões verborrágicas, destacando a informação em detrimento da interpretação. Ademais, tais regras conferem um tom de relatório que facilitariam a compilação de dados e o planejamento de estratégias e orçamentos a serem alocados.

Para o início de uma discussão que contemple o escopo do trabalho escolhemos como corpus principal a Carta anua de 1626¹, escrita entre os 16 e 18 anos do jovem

¹ O corpus principal se constitui da *Annua ao Geral da Companhia de Jesus*, de 30 de setembro de 1626. A edição considerada é de João Lúcio de Azevedo, posteriormente reproduzida por João Adolfo Hansen e Alcyr Pécora. Os comentadores adicionam que há quatro edições não-autógrafas, uma delas na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, outra na Biblioteca da Torre do Tombo, ambas em Português, outras duas em Latim, em Roma.

Antônio Vieira, ainda noviço e ordenado padre apenas em 1635, escolhido pelos superiores para uma missão de prestígio, o que surpreende não apenas pela idade, como por sua formação integralmente em terras brasileiras.

Por mais que se organize o corpus no sentido de conferir aos intertítulos do texto uma unidade explícita pela cronologia dos fatos e das biografias ou mesmo pelo *telos*, que estabelece precipuidade a partir da regra para a carta – informar mais e interpretar menos –, tomaremos como hipóteses: A) Em Vieira, justifica-se a proposição de que as representações escritas são representações de fala, ainda que debreadas e adaptadas à linguagem escrita. B) O mesmo Vieira recorta-se em máscaras ou faces que não apenas acompanham sua cronologia, mas a evolução de sua(s) utopia(s) (LOPES 1999: 93-101), e a *persona* que se apresenta na epístola predispõe a todas elas. C) Quanto ao gênero, a princípio se apresenta como literatura de viagem, permeado por elementos épicos e dramáticos². Tais inferências formam a base do trabalho.

A presente comunicação trata de uma proposta de leitura de Vieira pouco convencional: ao se aproximar dos trilhos propostos pelos elementos léxicos e figuras de estilo recorrentes, abre-se a possibilidade de um recorte cognitivo dos enunciados e das ilustrações, com quatro pontos de partida para justificar o trabalho:

- Já em uma primeira leitura, é possível constatar que as idéias de Vieira não perderam sua atualidade, ao contrário, confirmam a vocação do autor para a vanguarda.
- A mitologia popular brasileira, as práticas didáticas empíricas, os relatos de viajantes, o conhecimento epistemológico do autor e a recepção de seu discurso formam uma edificação que revela a polifonia dos enunciados e as máscaras dos sujeitos enunciadores.
- O caráter ontológico da pedagogia está presente na principal máscara de Vieira na carta, o Repórter, que pretende menos inferir e mais informar e deleitar a partir do afastamento de sua convencional argumentação lógica para mergulhar no jogo do mito e na narrativa épica.
- Por fim, a abordagem da fase inicial da trajetória literária de Vieira é o principal objeto de lacuna de seus biógrafos e comentadores ao longo dos séculos. O trabalho procura recuperar essa fase religiosa como base de dados críticos para a composição dos retratos posteriores do padre: seu amadurecimento como educador, sermonista, diplomata e profeta do Quinto Império.

Breve apresentação da “Carta”:
um padre entre a ventura e a aventura

O noviço Antônio Vieira contava com 16 anos quando foi escolhido como correspondente da província do Brasil para o Geral da Companhia de Jesus, Padre Mucio Vitelleschi. Sua competência como latinista e estudioso dos clássicos foram decisivos para que o selecionassem entre todos os outros alunos.

² Entenda-se aqui como dramático o conceito aristotélico, trabalho de autor teatral e mais rente à poética que à retórica, e que como tal consiste em escrever o autor para si mesmo um monólogo no púlpito/palco, registrando por meio de elementos léxicos, rubricas e marcas de articuladores os papéis e as máscaras que assume durante o discurso.

Em nota preliminar, Azevedo aponta a carta como parte de uma extensa autobiografia com Vieira em papéis determinados pela narrativa: “A narrativa, além do valor histórico, tem o que deriva de nos fornecer a primeira parte de um capítulo de sua autobiografia, (...) nos factos mencionados, em alguns foi Antonio Vieira figurante ao mesmo tempo que observador.” (Azevedo 1925: 2-5)

No original pesquisado por J. Lúcio de Azevedo consta didascália que diz respeito ao assunto principal a ser tratado:

Anua ou Annaes da Provincia do Brazil dos dous anos de 1624 e 1625. E successos respectivos às Cazas que por esse tempo conservavão naquelle Estado os extintos Jesuítas: E por dizer respeito á mesma Narração se tracta de Violentia entrada, que os Hollandezes fizeram naquellas p.tes e principalmente na Cid.e da Bahia com a curioza exposição da sua situação progressos, e miúdas circunstancias dessa falta (sôlta?) e atrevida Invação. ESCRITA por comissão, e obed.cia dos seus superiores pelo Padre ANTONIO VIEIRA da mesma Companhia³.

Vieira conta as notícias de dois anos em que esteve a Companhia a catequizar e educar no cenário de uma província que sofria invasões dos Holandeses e uma série de desventuras de seus membros. A partir do modelo epistolar previamente definido pela Companhia, outras informações contribuem para dar o tom noticioso e informativo à missiva.

Dividida em sete intertítulos, a carta é uma composição de episódios que se relacionam, mas são independentes, podendo ser lidos como unidades de tempo e espaço autônomas:

“*Pax Christi*”: saudações, explicações e levantamento populacional de sacerdotes e estudantes de todos os colégios da Província. As explicações do processo de feitura da carta estão justificadas pela invasão, que retardou não apenas o envio da carta, uma vez que homens e navios estavam ocupados com as batalhas; como as notícias de outros colégios e missões que não o da Baía, para completar o conteúdo informativo. Uma observação contribui para a inferência de que marcas de linguagem oral estão presentes na totalidade do texto encontra-se logo neste início:

Sustenta esta província do Brasil, pouco mais ou menos, 120 padres da Companhia: 90 sacerdotes, dos quais 31 são professos de quatro votos, de três solenes 2, **coadjutores espirituais formados 20; 62 estudantes;** coadjutores 50, e destes, 30 formados. No colégio da Baía residem comumente 80; **no de Pernambuco 40; 35 no do Rio de Janeiro;** na residência do Espírito Santo 12; na de Santos 5, na de São Paulo 7; na casa dos Ilhéus 4; **em Pôrto Seguro 4; e 4 no Maranhão.**

Nos grifos (meus), ocorre a *quebra do paralelismo sintático*, típica do registro coloquial oral. O trecho, propositadamente selecionado da parte informativa, aproxima-se, na reportagem, da linguagem utilizada pela imprensa falada, como o rádio ou a televisão. Note-se o cuidado de Vieira ao referir-se aos colégios e missões como tal

³ Em manuscrito apócrifo impresso em *Annaes da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, vol. XIX (1897), e pela primeira vez, parcialmente, na *Revista do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro*, vol. X (1843).

e utilizar a metáfora “*residência do Espírito Santo*” em uma comunicação que tradicionalmente não exigiria tal adorno, extensiva por elipse a “Santos” e “São Paulo”, em que os nomes representativos das divindades servem de morada. O agrupamento não é arbitrário e reserva para o *dispositio* de engenho. O período mencionado ocupa o centro de um grupo de três, em que ao primeiro e ao terceiro são reservados os postos de *colégio e casa*, e todos os elementos recebem denominação secular ou geográfica.

“*Colégio da Baía*”: Dividida em duas partes, a primeira é dedicada a notas de falecimento, com biografias e encômios. A segunda abre com uma descrição geográfica da costa baiana, seguida pelo episódio notável da invasão holandesa no tom épico das novelas de cavalaria. É o intertítulo mais extenso da carta e reportagem *in loco*, também fruto de depoimentos de terceiros, testemunhas oculares e outras fontes próximas do narrador. Chama a atenção o episódio profético atribuído a dois padres que justificam a vocação de Vieira para o messianismo:

Alguns dias antes da chegada dos inimigos, estando no coro em oração dois de nossos padres, viu um deles a Cristo Senhor Nosso, com uma espada desembainhada contra a cidade da Baía, como quem a ameaçava. Ao outro dia apareceu o mesmo Senhor com **três lanças**, com que parecia atirava para o corpo da igreja. **Bem entenderam os que isto viram que prognosticava algum castigo grande**; mas de qual houvesse de ser estavam incertos, quando, em dia de aparição de **S. Miguel**, que foi a 8 de Maio de 1624, apareceram de fora, na costa, sobre esta Baía, 24 velas holandesas...

A visão dos dois padres, acatada por Vieira, é de que, de alguma maneira, o episódio da invasão estivesse relacionado com o castigo divino da falta de fé. O retrato que se compõe de Cristo, para tanto, é a máscara de São Miguel, um anjo guerreiro, que desconstrói a tradicional perspectiva crística da piedade, da bondade e do amor incondicionais. Aquela visão remonta à imagem de um Deus pré-cristão, propagada por Moisés e todo o Antigo Testamento e semelhante ao ideal vieirino e jesuítico da época, em que os padres seriam coadjuvantes diretos de Deus na missão de propagar a fé e lutar contra o mal, fosse alegorizado pelas metáforas locais de demônios ou representado diretamente pelos vícios e costumes que não se adequavam às práticas cristãs. Alia-se esta visão, de certo modo, a representações do anjo com uma espada em uma mão e a balança da justiça, na outra. Tal imagem consagrou e substituiu as imagens de São Miguel com o escudo e a armadura medievais. Em pesquisa, entretanto, encontramos outra pintura que em muito se assemelha à máscara miquelina retratada por Vieira.

“*Colégio do Rio de Janeiro*”: O “repórter” e “cronista” Vieira conta a repercussão das invasões junto à população e a preparação de todos para a guerra. A narração passa de épica para dramática, com o episódio final da conversão dos ferozes índios Goitacazes em gente amorosa e piedosa, em virtude da boa vontade dos padres que os receberam com alegria. Os relatos, evidentemente editados por Vieira a partir de correspondência de fontes sitas nas respectivas localidades, compõem retratos humanos, geográficos e cênicos de intensidade dramática e descrição objetiva. Este engenho, que se transpõe à palavra, expressa os primeiros exercícios literários, pois



São Miguel Arcanjo, em pintura anônima por ocasião da catequização jesuítica na Etiópia, entre 1557 e 1634, contemporâneas da Carta Anua. Atrás, padres representam anjos e carregam as espadas, enquanto São Miguel segue com o cetro acabado em crucifixos, vestido como nobre etíope e tendo a seus pés o demônio acorrentado. Os escritos em hebraico, no alto, lembram o original em que foi escrito o Antigo Testamento.

supõe-se a transferência da máscara do narrador ausente verdadeiro, a outro, presente, verossímil:

(...) Descendo do sertão grande multidão de Goitacazes, gente feroz e bárbara que, sustentando-se de carne humana, sem perdoar ao seu próprio sangue, ainda os filhos sacrificam ao apetite da gula, vieram ter à nossa aldeia, que estava despovoada por causa dos rebates, e sem resistência alguma nem defesa.

“Missão dos Patos”: A introdução informa a localização geográfica da missão, e como os holandeses não chegaram a este ponto, todo o relato dá conta das conversões milagrosas obtidas a partir da dificuldade de reunir índios espalhados em pequenas aldeias em locais de difícil acesso. Também notável é o episódio que revela o esquema de escravização de índios, que Vieira tanto irá combater:

Chegados (os *padres*) finalmente a esta última aldeia, começaram a tratar do seu intento principal, que era juntá-los em uma igreja, mas muitos deles estavam já embaidos, com embustes de alguns portugueses de ruim consciência, a não quererem viver juntos, para que assim mais facilmente os possam levar e os vender por cativos.

“*Capitania do Espírito Santo*”, “*Missão dos Verdes Mares*” e “*Colégio de Pernambuco*”: A invasão holandesa também domina a quase totalidade dos intertítulos, mas o texto finaliza com a narração do milagre de José de Anchieta, antes das saudações finais, o que já revela a vocação do padre em prol da instituição e da pátria, dados os esforços presentes para a canonização de Anchieta. Admais, a narração da morte de um soldado inimigo próximo à relíquia de Anchieta presta-se mais ao deleite das novelas de cavalaria que aos relatos de viagem:

Sucedeu aqui um caso milagroso, e foi que pôs o padre na câmara da popa uma relíquia do santo padre José de Anchieta; e, sendo assim que todos os pelouros, que deram nas outras partes da nau, passaram fazendo muito dano e matando alguns, quantos deram no lugar, onde estava a santa relíquia, resvalaram para fora, sem prejuízo da nau naquela parte, e das vidas dos que na mesma estavam, antes dando um de mosquete, no peito desarmado de um soldado, lhe caiu aos pés. Tudo se atribuiu, com muita razão, aos merecimentos do santo padre José de Anchieta.

Conclusão

É relativamente recente, da segunda metade do século XX, a padronização de estilo que observamos nas reportagens de jornais e revistas, determinadas arbitrariamente nos manuais de redação que muitas vezes achincalham a regência verbal, indicam práticas de discriminação vocabular e condenam radicalmente a interpretação e opinião na matéria informativa, como se fosse possível suprimir o sujeito narrativo da enunciação ou das escolhas (*ethos*) que perpetrassem todos os discursos. No início do século XX, Euclides da Cunha escrevia para o “*Correio da Manhã*” suas reportagens sobre os conflitos ocorridos em Canudos, no sul da Bahia, e igualmente conferia à reportagem cores interpretativas que posteriormente alçaram sua obra à condição de literatura nos cânones, um bom exemplo de teoria da recepção, mas melhor de jornalismo da época, no nosso caso, que é semelhante ao de Vieira na confecção das cartas, que igualmente serviam a um propósito informativo, de início, e depois passam a domínio (do) público.

Se me permito utilizar os meios e materiais que dispomos ontem e hoje para avaliar os efeitos produzidos no público e as estratégias para torná-los não apenas veiosíssimos, mas objetos de deleite para os ouvintes, conferem à escritura dessa epístola não apenas trabalho de reportagem, mas de reportagem radiofônica, respeitada a estrutura predeterminada das cartas jesuíticas, e constante no *dispositio*, nas partes informativas, no recolhimento de fontes confiáveis e testemunhos, na edição feita por Vieira em forma de intertítulos. Afasta-se da estrutura epistolar determinada pelos superiores ao intercalar comentários em contexto e digressivos, aliado à linguagem que pressupõe a leitura coletiva em voz alta, e não a reprodução em cópias – prática, aliás, condenada pelo próprio Vieira, que via nessa prática um meio de distorcer sua obra. A *Carta Anua de 1626*, que temos certeza ainda será *corpus* para muitos estudos em diversas áreas do conhecimento, é também documento para conhecer a primeira máscara de Vieira, um jovem padre que se lança às aventuras de repórter, o primeiro passo de sua caminhada de sermoneiro, diplomata, escritor e profeta.

Referências Bibliográficas

- AMORA, Antonio S. (introdução, seleção e notas) (1944), *Vieira*. São Paulo: Pequena Biblioteca de Literatura Brasileira. Ed. Assunção.
- ARISTÓTELES, (s/d), *Arte Retórica e Arte Poética*. Trad. Antônio P. de Carvalho. Rio de Janeiro. Ediouro.
- BARROS, André de, (1746) *Vida do Apostolico Padre António Vieyra*. Lisboa: Oficina Sylviana.
- BARROS, Diana L (2003), "Estudos do discurso" in *Introdução à Lingüística*, 187-219. São Paulo: Contexto.
- BESSELAAR, José van den, (2002) *Antônio Vieira - Profecia e Polêmica*, Rio de Janeiro: Eduerj.
- CAMPBELL, Joseph, (2003) *Tu és isso – Transformando a Metáfora Religiosa*, Trad. Marcos Malvezzi Leal, São Paulo: Madras.
- HANSEN, João A. (2001), "Barroco, Neobarroco e outras ruínas" in *revista Teresa* São Paulo: Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas FFLCH-USP.
- HUE, Sheila M. (2006), "*Primeiras Cartas do Brasil 1551-1555*", Rio de Janeiro: Jorge Zahar,
- LISBOA, João F.(s/d), *Vida e Obra do Padre António Vieira*, Rio de Janeiro:WM Jackson.
- LOPES, António SJ (1999), *Vieira, O Encoberto*, Cascais: Ed. Principia.
- LOYOLA, Inácio de (1983), *Exercícios Espirituais*, tradução portuguesa, Coimbra: AO.
- LUCAS, Mateus, João e Marcos, *Atos dos Apóstolos* (1999) in *Bíblia Sagrada*, São Paulo: Loyola.
- MENDES, Margarida V. (2003), *A Oratória Barroca de Vieira*. 2ª ed. Lisboa: Caminho.
- VIEIRA, Antônio (1925), *Cartas do Padre António Vieira*, (coord. e anotadas por João Lúcio de Azevedo). Coimbra:Imprensa da Universidade.
- _____, *Sermão do Espírito Santo*, Textos Literários em meio eletrônico. Texto Fonte: Biblioteca Nacional de Lisboa. Link: <http://www.cce.ufsc.br/~nupill/literatura/BT2803032.html>.

Captação de imagem, disponível para domínio público: ordoetchaos.wordpress.com/2007/04/14/terras-dalem-mar-ii.